

Elisa Miranda Costa  
(Organizadora)

# Bases Conceituais da **Saúde**



**Atena**  
Editora  
Ano 2019



**Elisa Miranda Costa**  
(Organizadora)

# **Bases Conceituais da Saúde**

Atena Editora  
Ponta Grossa - 2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

B299 Bases conceituais da saúde [recurso eletrônico] / Organizadora Elisa Miranda Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Bases Conceituais da Saúde; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-141-1

DOI 10.22533/at.ed.411191502

1. Medicina integral. 2. Política de saúde. 3. Promoções da saúde. 4. Saúde coletiva. I. Costa, Elisa Miranda. II. Série.

CDD 362.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

Com a efervescência da Medicina Integral e da Medicina Comunitária no Brasil, surgiu uma reorientação das práticas médicas dentro das universidades. Esses modelos propuseram uma certa rearticulação dos conhecimentos médicos na dimensão social, o que ampliou a concepção acerca do processo saúde/doença e seus determinantes que a medicina clínica vinha contribuindo quando enfatizava uma abordagem individual e biomédica.

Com o surgimento do campo da Saúde Coletiva, se observa a necessidade de reformas não só educacionais, mas sobretudo sobre o próprio sistema de saúde brasileiro. Portanto, a saúde coletiva consolidou-se como espaço multiprofissional e interdisciplinar.

A educação influencia e é influenciada pelas condições de saúde, estabelecendo um estreito contato com todos os movimentos de inserção nas situações cotidianas em seus complexos aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, dentre outros. Portanto, a prática educativa em saúde, além da formação permanente de profissionais para atuar nesse contexto, tem como eixo principal a dimensão do desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas visando à melhoria da qualidade de vida e saúde da comunidade assistida pelos serviços, reforçando que a educação e a saúde são práticas sociais inseparáveis e interdependentes.

A Educação em saúde no contexto dos serviços de Saúde Pública tem importantes dimensões a serem tratadas: a educação permanente em saúde como política norteadora dos processos educativos contínuos nos diferentes modelos assistenciais do SUS a educação popular em saúde, que reconhece que os saberes são construídos diferentemente e, por meio da interação entre sujeitos, esses saberes se tornam comuns ao serem compartilhados.

Ao longo deste volume serão discutidas as experiências educacionais de acadêmicos de saúde e o processo educativo nas práticas de saúde nas ações dos profissionais inseridos no Sistema Único de Saúde.

Elisa Miranda Costa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PROMOÇÃO E PREVENÇÃO EM SAÚDE NAS ESCOLAS: A PERCEPÇÃO DAS ORIENTADORAS EDUCACIONAIS DO MUNICÍPIO DE SAPUCAIA DO SUL/RS	
Leda Rúbia Maurina Coelho Déborah Goulart Silveira Rafael da Silva Cezar Letícia Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4111915021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
A EDUCAÇÃO DA HIGIENE BÁSICA NO ÂMBITO ESCOLAR	
Claudiane Santana Silveira Amorim Fernanda Cruz de Oliveira Mônica de Cássia Pinheiro Costa Sávio Felipe Dias Santos Alba Lúcia Ribeiro Raithy Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4111915022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>16</b>
A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM SAÚDE E SEUS DESAFIOS PARA A INTERDISCIPLINARIDADE.	
Eliane Soares Tavares Lucia Azambuja Vieira Rosane Eunice Oliveira Silveira Patrícia Albano Mariño	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4111915023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
ACADÊMICOS DE MEDICINA DURANTE ESTÁGIO NA DIVISÃO DE TRANSPLANTES DE FÍGADO E ÓRGÃOS DO APARELHO DIGESTIVO EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Victor Vieira Silva Aline Andrade de Sousa Fábio de Azevedo Gonçalves Darah Fontes da Silva Assunção Rafael de Azevedo Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4111915024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>31</b>
AÇÃO EDUCATIVA EM ENFERMAGEM SOBRE ECTOPARASIToses NO ÂMBITO ESCOLAR PARA PREVENÇÃO E CUIDADO NA INFÂNCIA - RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Raquel Silva Nogueira Manuela Furtado Veloso de Oliveira Matheus Barbosa Martins Daniela Marçal Valente Aline Bento Neves Glenda Keyla China Quemel Aldeyse Teixeira de Lima Leide da Conceição do Espírito Santo Monteiro Irineia Bezerril de Oliveira da Silva Nubia Cristina Pereira Garcia Lilian Thais Dias Santos Monteiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4111915025</b>	

**CAPÍTULO 6 ..... 39**

AÇÃO EDUCATIVA PARA OS PORTADORES DE DIABETES E HIPERTENSÃO ARTERIAL  
MATRICULADOS EM UMA ESF DE BELÉM-PA

Eliomara Azevedo do Carmo Lemos  
Carla Andrea Avelar Pires  
Geraldo Mariano Moraes de Macedo  
Ceres Larissa Barbosa de Oliveira  
Sérgio Bruno dos Santos Silva

**DOI 10.22533/at.ed.4111915026**

**CAPÍTULO 7 ..... 42**

ADEQUA-SE O TEMA ESPIRITUALIDADE NA GRADE CURRICULAR DOS CURSOS DA ÁREA DA  
SAÚDE NA PÓS-MODERNIDADE?

Edson Umeda  
Juliana Ferreira de Andrade  
Juliana Fehr Muraro

**DOI 10.22533/at.ed.4111915027**

**CAPÍTULO 8 ..... 49**

AS ATIVIDADES LÚDICAS COMO MECANISMO TRANSFORMADOR NO  
PROCESSO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Marcos José Risuenho Brito Silva*

Diully Siqueira Monteiro  
Camilla Cristina Lisboa Do Nascimento  
Eliseth Costa Oliveira de Matos

**DOI 10.22533/at.ed.4111915028**

**CAPÍTULO 9 ..... 52**

ASSISTÊNCIA INTEGRAL AO PACIENTE OBESO EXPERIÊNCIA EM ENSINO E EXTENSÃO

Tiago Franco David  
Ana Carolina Contente Braga de Souza  
Karem Mileo Felício  
João Soares Felício  
Camila Castro Cordeiro

**DOI 10.22533/at.ed.4111915029**

**CAPÍTULO 10 ..... 56**

ATENÇÃO FARMACÊUTICA EM DROGARIAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA VIVÊNCIA DA  
PRÁTICA PROFISSIONAL COM FORMAÇÃO EM METODOLOGIA ATIVA - APRENDIZAGEM  
BASEADA EM PROBLEMA NA GRADUAÇÃO DE FARMÁCIA- FPS

Emília Mendes da Silva Santos  
Ivana Glaucia Barroso da cunha

**DOI 10.22533/at.ed.41119150210**

**CAPÍTULO 11 ..... 63**

BIOÉTICA E TRANSVERSALIDADE NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE IGUALDADE ENTRE OS  
GÊNEROS

Renata Bertti Nunes  
Tereza Rodrigues Vieira

**DOI 10.22533/at.ed.41119150211**

**CAPÍTULO 12 ..... 74**

COMUNICAÇÃO ENTRE OS SURDOS E OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE, UMA QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA? REVISÃO SISTEMÁTICA

Wellington Jose Gomes Pereira  
Marciana Matyak  
Simone Cristina Pires Domingos  
Tainá Gomes Valeiro  
Anna Carolina Vieira Martins  
Haysa Camila Boguchevski

**DOI 10.22533/at.ed.41119150212**

**CAPÍTULO 13 ..... 86**

CONFECÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA TRABALHAR EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Clarice Munaro  
Emanuella Simas Gregório

**DOI 10.22533/at.ed.41119150213**

**CAPÍTULO 14 ..... 92**

CONTRIBUIÇÕES DA MONITORIA ACADÊMICA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM SOB A ÓTICA DE DISCENTES DO CURSO DE ENFERMAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alba Lúcia Ribeiro Raithy Pereira  
Jamilly Nunes Moura

**DOI 10.22533/at.ed.41119150214**

**CAPÍTULO 15 ..... 99**

DIAGNÓSTICO DO TERRITÓRIO: UMA VISÃO INTERDISCIPLINAR NO CAMPO DA ATENÇÃO BÁSICA

Vanessa dos Santos Silva  
Roberto Mendes Júnior  
Ruhama Beatriz da Silva  
Ruty Thaís Silva de Medeiros  
Lorena Oliveira de Souza  
Robson Marciano Souza da Silva  
Ylanna Kelayne Lima Lopes Adriano Silva  
Arysleny de Moura Lima  
Juciane Miranda

**DOI 10.22533/at.ed.41119150215**

**CAPÍTULO 16 ..... 107**

EDUCAÇÃO EM SAÚDE E FISIOTERAPIA: DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES PESSOAIS NA SALA DE ESPERA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Josiane Schadeck de Almeida Altemar  
Cássia Cristina Braghini

**DOI 10.22533/at.ed.41119150216**

**CAPÍTULO 17 ..... 111**

ELABORAÇÃO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA USUÁRIO SOBRE A REDE DE ATENÇÃO À SAÚDE NA ONCOLOGIA

Juliana da Costa Santana  
Antônio Samuel da Silva Santos  
Bruno Thiago Gomes Baia  
Lennon Wallamy Sousa Carvalho

Letícia Caroline da Cruz Paula  
Mayara Tracy Guedes Macedo  
Héllen Cristhina Lobato Jardim Rêgo

**DOI 10.22533/at.ed.41119150217**

**CAPÍTULO 18 ..... 119**

ELABORAÇÃO DE UM PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO DE COMPETÊNCIAS AUDITIVAS E FONOLÓGICAS – PECAFON

Roberta Neves  
Cristiane Lima Nunes  
Graça Simões de Carvalho  
Simone Capellini<sup>2</sup>  
Júlio de Mesquita Filho

**DOI 10.22533/at.ed.41119150218**

**CAPÍTULO 19 ..... 133**

ENQUANTO ESTOU NO HOSPITAL - UM LIVRO PARA CRIANÇAS HOSPITALIZADAS, SEUS CUIDADORES E GRUPOS DE TRABALHO DE HUMANIZAÇÃO

Simone Lopes de Mattos

**DOI 10.22533/at.ed.41119150219**

**CAPÍTULO 20 ..... 138**

ESCOLA SAUDÁVEL E SUSTENTÁVEL: A PERCEPÇÃO DOCENTE PELA IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITOS

Nádia Teresinha Schröder  
Ana Maria Pujol Vieira dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.41119150220**

**CAPÍTULO 21 ..... 152**

FALANDO SOBRE HIPERTENSÃO ARTERIAL COM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE, ANTES E DEPOIS DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rafaela Garcia Pereira  
Dirce Nascimento Pinheiro

**DOI 10.22533/at.ed.41119150221**

**CAPÍTULO 22 ..... 156**

INCLUSÃO DE POPULAÇÃO INDÍGENA E OS DESAFIOS PARA PRÁTICA DOCENTE HOSPITALAR EM ENFERMAGEM NO ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Edileuza Nunes Lima  
Sandra Helena Isse Polaro  
Roseneide dos Santos Tavares  
Carlos Benedito Marinho Souza

**DOI 10.22533/at.ed.41119150222**

**CAPÍTULO 23 ..... 162**

INTERVENÇÃO E PESQUISA EM PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EJA: DESAFIO DO USO DE METODOLOGIAS EMANCIPATÓRIAS

Daniela Ribeiro Schneider  
Leandro Castro Oltramari  
Diego Alegre Coelho  
Aline da Costa Soeiro  
Paulo Otávio D'Tôlis  
Caroline Cristine Custódio



Júlia Andrade Ew  
Gabriela Rodrigues  
Pedro Gabriel Moura Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.41119150223**

**CAPÍTULO 24 ..... 180**

O PROGRAMA MENTORING NO CURSO DE MEDICINA DE UMA IES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rafael de Azevedo Silva  
Elana Cristina da Silva Penha  
Tamara Pinheiro Mororo  
Daniel Figueiredo Alves da Silva  
Raquel de Souza Gomes da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.41119150224**

**CAPÍTULO 25 ..... 184**

OFICINA EDUCACIONAL UTILIZADA PELA ENFERMAGEM PARA A EDUCAÇÃO CONTINUADA SOBRE A VACINAÇÃO INFANTIL

Aliniana da Silva Santos  
Ana Carolina Ribeiro Tamboril  
Natalia Daiana Lopes de Sousa  
Fernanda Maria Silva  
Maria Corina Amaral Viana

**DOI 10.22533/at.ed.41119150225**

**CAPÍTULO 26 ..... 190**

PERCEPÇÃO DO ACADÊMICO DE MEDICINA EM AÇÕES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO COMO POTENCIALIZADORA DA PROMOÇÃO E PREVENÇÃO À SAÚDE

Brenna Lucena Dantas  
Rebecca Maria Inocência Gabínio Borges  
Vanessa Carolinne de Andrade e Albuquerque  
Yago Martins Leite  
Etiene de Fátima Galvão Araújo

**DOI 10.22533/at.ed.41119150226**

**CAPÍTULO 27 ..... 199**

PIBID COMO PROMOTOR DA SAÚDE DO ESTUDANTE: 'BULLYING' EM AMBIENTE ESCOLAR

Viviane de Lima Cezar  
Laura Alves Strehl  
Maria Isabel Morgan-Martins  
Eliane Fraga da Silveira

**DOI 10.22533/at.ed.41119150227**

**CAPÍTULO 28 ..... 205**

PERFIL DAS PUBLICAÇÕES DE ENFERMAGEM SOBRE SAÚDE DO ADULTO EM CONDIÇÕES CIRÚRGICAS: REVISÃO INTEGRATIVA

Luana de Macêdo  
Eloíde André Oliveira  
Fabiana Maria Rodrigues Lopes de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.41119150228**

**CAPÍTULO 29 ..... 219**

PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL NA ENFERMAGEM: DEMANDAS ÉTICAS E POLÍTICAS NA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO CURRICULAR

Heloiza Maria Siqueira Rennó  
Carolina da Silva Caram;  
Lilian Cristina Rezende  
Lívia Cozer Montenegro  
Flávia Regina Souza Ramos  
Maria José Menezes Brito

**DOI 10.22533/at.ed.41119150229**

**CAPÍTULO 30 ..... 230**

PROMOÇÃO DA SAÚDE COMO EIXO INTEGRADOR DAS DISCIPLINAS DO PRIMEIRO PERÍODO DO CURSO DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

Ana Maria Florentino  
Aline Cristina Brando Lima Simões  
Ana Cristina Borges  
Damião Carlos Moraes dos Santos  
Nina Lúcia Prates Nielebock de Souza  
Rodrigo Chaves

**DOI 10.22533/at.ed.41119150230**

**CAPÍTULO 31 ..... 237**

PROMOÇÃO DE AÇÃO EDUCATIVA SOBRE ANTICONCEPÇÃO E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda de Alencar Pereira Gomes  
Sintya Gadelha Domingos da Silva  
Jonathan Emanuel Lucas Cruz de Oliveira  
Clístenes Daniel Dias Cabral  
Débora Taynã Gomes Queiroz

**DOI 10.22533/at.ed.41119150231**

**CAPÍTULO 32 ..... 246**

TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E SAÚDE DESENVOLVIMENTO DE APLICATIVO MÓVEL VOLTADO PARA AMAMENTAÇÃO SEGURA NOS PERÍODOS NEONATAL E PEDIÁTRICO

Tobias do Rosário Serrão

**DOI 10.22533/at.ed.41119150232**

**CAPÍTULO 33 ..... 253**

VISITA DOMICILIAR PARA FAMÍLIA DE JOVEM COM RECIDIVAS DE SUICÍDIO COM MEDICAMENTOS: RELATO DE CASO

Camila Cristiane Formaggi Sales  
Eloisa Leardini Pires  
Jéssica Yumi de Oliveira  
Lisa Bruna Saraiva de Carvalho  
Allana Roberta da Silva Pontes  
Jullye Mardegan  
Desirée Marata Gesualdi  
Marcia Regina Jupi Guedes  
Magda Lúcia Félix de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.41119150233**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 259**

## INTERVENÇÃO E PESQUISA EM PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EJA: DESAFIO DO USO DE METODOLOGIAS EMANCIPATÓRIAS

### **Daniela Ribeiro Schneider**

Universidade Federal de Santa Catarina,  
Departamento de Psicologia, Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia, Florianópolis/SC.

### **Leandro Castro Oltramari**

Universidade Federal de Santa Catarina,  
Departamento de Psicologia, Florianópolis/SC.

### **Diego Alegre Coelho**

Centro de Ensino Superior de Santa Catarina,  
Curso de Psicologia, Florianópolis/SC.

### **Aline da Costa Soeiro**

Universidade Federal de Santa Catarina,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
Florianópolis/SC.

### **Paulo Otávio D'Tôlis**

Universidade Federal de Santa Catarina,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
Florianópolis/SC.

### **Caroline Cristine Custódio**

Universidade Federal de Santa Catarina, Curso  
de Psicologia, Florianópolis/SC.

### **Júlia Andrade Ew**

Universidade Federal de Santa Catarina, Curso  
de Psicologia, Florianópolis/SC.

### **Gabriela Rodrigues**

Universidade Federal de Santa Catarina,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,  
Florianópolis/SC

### **Pedro Gabriel Moura Rodrigues**

Universidade Federal de Santa Catarina, Curso  
de Psicologia,  
Florianópolis/SC..

**RESUMO:** A promoção de saúde produz uma ruptura com a noção de saúde como simplesmente ausência de doença, propondo-se a atuar sobre os determinantes sociais da saúde. Incide sobre as condições de vida da população, superando modelo de ação focado na prestação de serviços clínico-assistenciais, ao propor um novo paradigma que integra conceitos oriundos de diferentes disciplinas e de articulações intersetoriais, entre eles com a educação. Um projeto que pretenda promover saúde deve seguir alguns princípios fundamentais, entre eles o de dotar a população de ferramentas para melhorar sua capacidade, produzindo *empoderamento* e possibilitar que a população alvo participe do projeto como sujeito ativo, desde sua formulação, até a avaliação. A Educação em Jovens e Adultos possui uma longa história, ligada à condição de mediação educativa para a situação de desigualdade social, situação que dificulta o acesso qualificado à educação de parte da população e não proporciona condições para a permanência na escola para muitos jovens em situação de vulnerabilidade. Tal condição acaba por produzir um processo de exclusão escolar, que a EJA tenta, de alguma forma, reverter. Este artigo apresenta o relato de experiência

de pesquisa-ação, ainda em andamento, desenvolvida junto aos núcleos de EJA de Florianópolis, voltado para abordar problemas relativos ao uso de drogas e seus impactos no processo de aprendizado. Objetiva discutir a dimensão participativa na elaboração e implementação do projeto ora relatado, a fim de refletir sobre os desafios do uso de metodologias emancipatórias na perspectiva da promoção da saúde em ambientes escolares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Promoção de Saúde, Educação de Jovens e Adultos, Metodologia, Emancipação, Abuso de Drogas.

**ABSTRACT:** The health promotion produces a rupture with the notion of health as simply the absence of disease, by acting on the social determinants. Focuses on the living conditions of the population, surpassing action model focused on the provision of clinical services-social assistance, in proposing a new paradigm that integrates concepts from different disciplines and intersectoral, joints with the education. A project to promote health should follow some basic principles, including providing the population of tools to improve your capacity, producing empowerment and enable the target population to participate in the project as active subject, since it's formulation, until the assessment. Youth and Adult Education has a long history, linked to the condition of educational mediation to the situation of social inequality, which hampers access to education of qualified part of the population and does not provide conditions for staying in school to many young people in situations of vulnerability. Such a condition will eventually produce an exclusion process that the YAE tries to revert. This article presents the case studies of research-action, still in progress, developed along the YAE schools of Florianópolis, aimed to address problems related to drug use and its impact on the learning process. Objective to discuss the participatory dimension in the elaboration and implementation of the project well reported, in order to reflect on the challenges of using emancipatory methodologies in the context of health promotion in school environments.

**KEYWORDS:** Health Promotion, Youth and Adult Education, Methodology, Emancipation, Drug Abuse.

## 1 | INTRODUÇÃO

São muitos os modelos existentes sobre a concepção de saúde, que acabam por embasar diferentes práticas sanitárias. A abertura do campo de atuação a partir da adoção do conceito ampliado de saúde pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1947, trouxe como foco a sua vinculação às condições de vida das populações e desencadeou uma renovação em toda a área. Com isso, demarcou-se um cenário no qual estilos de pensamento opostos vieram marcando presença e disputando o controle das ações em saúde e na organização dos serviços, ao delimitar claramente duas macrotendências no campo da saúde brasileira, com muitas nuances internas:

o modelo *biomédico*, como foco na doença e na perspectiva curativa e o da *saúde coletiva*, como foco no conceito de saúde ampliada e na perspectiva da promoção da saúde (ARIOLI; SCHNEIDER; BARBOSA; DA ROS, 2013).

As profundas modificações econômicas e sociais ocorridas com mais intensidade a partir do século XX, decorrentes da industrialização e das transformações do mundo do trabalho, do aumento massivo de populações urbanas, dentre outros fatores, acarretaram impactos significativos sobre a realidade e a saúde das pessoas, dentre as quais se destacam mudanças nos estilos de vida, nas relações sociais, laborais e culturais. Neste quadro, os processos de adoecimento foram se modificando, ocorrendo um aumento de doenças crônicas degenerativas e de sofrimentos decorrentes dos modos de vida próprios das cidades, com o crescimento dos agravos e mortes provocadas por causas externas, tais como os danos ligados às diversas formas de violência e aos problemas relacionados ao uso de drogas (lícitas e ilícitas), bem como aumento dos quadros de estresse, depressão, insônia, pânico (LEFEVRE; LEFEVRE, 2007). Frente a estas transformações sociais, as práticas de saúde centradas na doença e no modelo biomédico entraram em crise, na medida em que apresentavam custos elevados, por serem focados na atenção às situações agudas e não conseguirem fornecer respostas adequadas aos novos desafios emergentes.

Por isso mesmo, faz-se necessário uma nova lógica, sendo que a promoção, em termos epistemológicos, produz uma ruptura com a noção de saúde como sendo a ausência de doença ou de problemas psicossociais, propondo-se a atuar sobre os determinantes sociais. Incide, dessa forma, sobre as condições de vida da população, superando o modo de ação focado simplesmente no tratamento e na prestação de serviços clínico-assistenciais, ao propor um novo paradigma que integra conceitos e ideias oriundos de diferentes disciplinas e de articulações intersetoriais, que envolvam a educação, a saúde, o território, o trabalho, a alimentação, o meio ambiente, o acesso a serviços essenciais e ao lazer, com ênfase em determinantes contextuais do fenômeno saúde (SÍCOLI; NASCIMENTO, 2003). A promoção considera, assim, a interlocução entre múltiplos aspectos, desde a biologia humana, passando pelos estilos de vida individuais e coletivos, pelas condições do contexto dos territórios específicos, até aspectos macroestruturais, como a economia, cultura e a sociodinâmica de uma nação e de seu povo. (CZERESNIA; FREITAS, 2009)

Para uma compreensão da importância da influência da esfera social sobre a determinação dos processos de saúde-doença das populações, a noção de Determinantes Sociais e de Saúde (DSS) adquire relevância, ao apontar para o papel das iniquidades nas condições de saúde e no acesso aos serviços públicos em geral, com destaque ao papel das condições de vida. (BUSS; CARVALHO, 2009). Nessa direção, ganha destaque as relações de classe social, que determinam as condições de vida e de saúde, sendo que as privações de renda se articulam a outras vulnerabilidades, levando à inevitabilidade de se considerar os impactos das condições infraestruturais da sociedade sobre o adoecimento dos indivíduos. Ao mesmo tempo,



deve-se considerar o papel de variáveis individuais nesses processos, tais como gênero, idade, etnia, entre outros. (XIMENES et al., 2016)

Sete princípios caracterizam as iniciativas de promoção de saúde definidos pela OMS, que são: concepção sistêmica sobre a saúde, perspectiva intersectorial, foco no empoderamento e na participação social, promoção da equidade, realização de ações multiestratégicas e perspectiva na sustentabilidade das ações. (SÍCOLI; NASCIMENTO, 2003)

Um projeto que pretenda promover saúde deve seguir, assim, os princípios acima elencados, além de sustentar-se em indicadores da eficácia deste tipo de projeto. Estudos desenvolvidos por vários especialistas internacionais, entre eles os vinculados ao projeto PROMISE (Providing mental health promotion training guidelines and training resources for healthcare professionals) (GREACEN et al., 2012), faz as seguintes sugestões: a) que o projeto dote a população de ferramentas para melhorar sua capacidade, produzindo seu fortalecimento (*empowerment*); b) que a população, alvo do estudo, participe do projeto não somente como sujeito passivo, mas sim ativo em sua formulação e avaliação; c) que a planificação da intervenção leve em conta múltiplos cenários para as alternativas de ação; d) que as ações dirijam-se para a melhoria das condições de saúde, da qualidade de vida e bem estar subjetivo e coletivo; e) que gere oportunidades que facilitem as mudanças organizacionais e das políticas públicas na área, entre vários outros aspectos.

Sendo assim, um programa de prevenção escolar ao abuso de substância psicoativa, que tenha como horizonte de atuação a promoção da saúde, deve inserir todos os participantes do projeto como coautores do projeto, promovendo sua coresponsabilização e a mediação de sua autonomia. Nessa direção, dialoga com a proposta de Freire (1996) da necessidade de construção de uma *pedagogia da autonomia*, que proponha, em seu bojo, metodologias emancipatórias, ou seja, propostas de ação que oportunizem aos sujeitos e aos coletivos tomar a história em suas próprias mãos (GONÇALVES; FERNANDES, 2017; SARTRE, 2002).

Este capítulo apresenta uma experiência de pesquisa-ação, ainda em andamento, desenvolvida junto aos núcleos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Florianópolis/SC, desenvolvido desde agosto de 2016 até o presente momento (2º semestre de 2018). Esta ação de pesquisa e extensão surgiu a partir de uma demanda da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis direcionada à coordenação do Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN/UFSC), mediante a solicitação de um projeto de intervenção na EJA, a fim de abordar problemas relativos ao uso de drogas, em especial, de maconha por seus estudantes. A demanda foi justificada por meio de relatos acerca do uso da droga ser considerado um dos principais problemas enfrentados pelos coordenadores e professores, ao ser percebido como uma prática frequente entre uma parcela considerável dos educandos em horário escolar, acarretando problemas diversos, internos e externos aos polos de ensino. Os professores relataram que a substância, muitas vezes, é consumida nos arredores

das escolas, antes e durante o horário de aulas, “prejudicando o processo de ensino-aprendizagem e acarretando uma intensificação dos processos de estigmatização social já comuns em relação ao estudante de EJA” (RAUPP; SCHNEIDER, 2017, p. 205).

Em função da compreensão da complexidade envolvida na situação relatada, para a qual se devem evitar reducionismos, foi proposto o desenvolvimento de um programa de promoção de saúde específico para as necessidades deste público da EJA, na medida em que se entende a importância de intervir nas determinantes psicossociais do problema em pauta. No caso do uso abusivo de drogas, esta indicação passa por desfocar da droga em si, ou do simples problema do seu uso, para refletir sobre os múltiplos fatores que estão envolvidos na situação do abuso por parte dos estudantes, ao buscar compreender a realidade psicossocial e os sentidos do estudar e aprender para aqueles que, de alguma maneira, não conseguiram inserir-se ou foram excluídos do ensino regular, indicando uma trajetória de vulnerabilidade psicossocial que envolve os estudantes da EJA.

Este artigo objetiva discutir a dimensão participativa na elaboração e implementação do projeto ora relatado, na direção de refletir sobre os desafios do uso de metodologias emancipatórias na perspectiva da promoção da saúde em ambientes escolares.

Dessa forma, esta proposta se coloca no escopo do debate sobre as “escolas promotoras de saúde”, na medida em que estas representam uma alternativa eficaz de aplicação dos princípios da Promoção de Saúde em um espaço fundamental para o desenvolvimento dos jovens, no qual passam parte considerável de suas vidas. A Educação se constitui num lócus estratégico para fortalecer o desenvolvimento saudável, provocar reflexões e ações de valorização da saúde física e emocional para uma vida com qualidade. (ELICKER et al., 2015)

## **2 | A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SEUS DESAFIOS METODOLÓGICOS**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), segundo Arroyo (2007), é um campo ainda não consolidado na pesquisa, entre outras áreas, sendo, portanto, um campo aberto a todo tipo de cultivos, no qual vários agentes participam, porém, “de sementeiras e cultivos nem sempre bem definidos ao longo de sua tensa história” (p. 19). Por isso mesmo, necessita-se de compromisso ético e qualidade técnica para fazer um corte com sua longa história marcada por indefinições, voluntarismos, campanhas emergenciais, que buscam “apagar o fogo”, mas não descobrem o que provoca o incêndio, muito menos o previnem!!!

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) está instituída no artigo 37, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996: Ela “(...) será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio

na idade própria.” (BRASIL, 2005, p.19). Constitui-se como uma forma de educação direcionada à adultos e jovens com no mínimo quinze anos de idade, ou que não terminaram sua escolarização na idade prevista pela lei.

A EJA possui uma longa história, ligada à condição de mediação educativa para a situação de desigualdade social em nosso país, a qual dificulta o acesso qualificado à educação de parte da população e não proporciona condições para a permanência na escola para muitos jovens em situação de vulnerabilidade. Tal condição acaba por produzir um processo de exclusão escolar, que a EJA tenta, de alguma forma, reverter. Esta forma de educação passou, portanto, por diversas modificações ao longo do tempo, sempre em busca de estratégias para alfabetizar ou continuar o processo educacional desta parcela da população que não conseguiu incluir-se ou concluir seus estudos na escola regular. Esta situação desvela um campo de forças sociais contraditórias, que marcam o cenário da educação no Brasil desde os tempos da Colônia (GRACIANO; LUGLI, 2017).

A compreensão da complexidade envolvida na distribuição do índice de analfabetismo ou analfabetismo funcional pela população brasileira de 15 anos ou mais, indica a presença de condicionantes socioeconômicos, por sua vez atravessados, por questões raciais, territoriais e de gênero, que mostram a face da desigualdades e iniquidades no acesso à educação (GRACIANO; LUGLI, 2017, p. 11). A EJA tem que, em seu fazer cotidiano, lidar com esta diversidade de demandas educativas, perpassadas por tais interseccionalidades, compreendidas como relações de subordinação que provocam desigualdade em um âmbito político de participação do sujeitos em sociedade. Trata-se de um conceito que problematiza as iniquidades advindas do cruzamento de diferente aspectos como gênero, sexo, raça, classe social e seus impactos nas políticas públicas a ações em saúde e educação (CRENSHAW, 2002).

Por isso mesmo, especialistas trazem à baila a discussão da configuração dessa política pública consolidada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que coloca a EJA como um direito dos cidadãos. Mas aqui, é preciso refletir sobre o que se entende por “direito”? Segundo Abbonizio e Ximenes (2017, p. 64), há duas noções de direito à educação em disputa:

A primeira, hoje hegemônica nos discursos e na prática das políticas educacionais, usa o direito em sua função homogeneizante e padronizadora e tende a tratar a EJA como um mal necessário, fruto de uma falha dos sistemas de ensino ao não assegurar frequência na “idade certa”. Com base nessa ideia, a EJA teria propósito de reparação de conteúdos e das oportunidades perdidas. (...) Já a segunda noção de direito à educação busca qualificar as demandas por democratização do acesso à escola ao reconhecer o direito à adequação da oferta aos diferentes interesses e modos de vida de sujeitos e grupos sociais diversos. A educação escolar deve ser aceitável segundo tais parâmetros, ainda que se mantenha o propósito, reinterpretado, de promoção da igualdade.

Desta forma, a discussão é sobre o conceito de igualdade, que não deve ser

somente, a de produzir conteúdos gerais ou sucesso educacional igual para todos, mas sim garantir reconhecimento da diversidade das condições dos estudantes da EJA e a pluralidade de concepções pedagógicas que devem ser implementadas para dar conta dessa diversidade (ABBONIZIO; XIMENES, 2017). Sendo assim, deve-se pensar na discussão da equidade educativa (GONÇALVES; FERNANDEZ, 2017), pois a pergunta que se impõe é: como é possível dar a todos os jovens oportunidades de educação semelhantes, independente do meio do qual eles provêm? Como ofertar acessibilidade para todos à educação tendo como ponto de partida as diferentes experiências e contextos dos educandos, com condições diversas de aprendizagens, valores, habilidades de vida?

Nesse sentido impõe-se uma questão de projeto e método pedagógico. Estudiosos discutem, que dada o amplo espectro de experiências educacionais e de vida dos estudantes da EJA, é preciso defender a autonomia de professores e escolas escolherem os seus próprios caminhos, entre uma pluralidade de concepções pedagógicas, desde que compatíveis com políticas educacionais democráticas (ABBONIZIO; XIMENES, 2017). Sendo assim, propõe-se que na Educação de Jovens e Adultos prevaleçam metodologias e estratégias de ensino emancipatórias, compreendendo este termo, numa perspectiva freiriana, como aquele que oportuniza ao sujeito e aos coletivos “tomar a história nas próprias mãos” (FREIRE, 1996).

Por isso mesmo, segundo Arroyo (2007), a ação educativa na EJA deve ter com fundamento o protagonismo e empoderamento da juventude. Este educador aponta que, para tanto, o primeiro passo é conhecer quem são esses jovens e adultos. É preciso superar o olhar reducionista, que por muito tempo os enxergou apenas em suas “trajetórias escolares truncadas”: alunos que evadiram da escola, que reprovaram, com defasagens, alunos com problemas diversos, entre eles os de aprendizagem, mas também, os advindos de trajetórias psicossociais “inadequadas”: uso de drogas, gravidez precoce, etc. (RODRIGUES; AGOSTINHO; GESSER; OLTRAMARI, 2014). Enquanto este tipo de olhar prevalecer sobre esses jovens-adultos, será difícil avançar na reconfiguração da EJA. É preciso superar os preconceitos e sistemas discriminatórios (racismo, homofobia, entre outros), que impõe barreiras de acesso educacionais aos estudantes que já trazem histórias de vulnerabilidade social, além de barrar oportunidades profissionais e econômicas, mantendo-os em sua condição vulnerável (GONÇALVES; FERNANDEZ, 2017).

Nessa direção, é preciso ter uma abordagem sobre o uso de drogas e os problemas daí decorrentes dos estudantes da EJA que não se centrem somente numa perspectiva de discriminação e repressão, mas buscando compreender a complexidade do que está envolvida no seu uso e abuso, sob pena de tomar como causa aquilo que é, na verdade, a consequência de múltiplas variáveis sociais, psicológicas, familiares, comunitárias.

Por outro lado, Arroyo (2007) chama a atenção que é preciso enxergar nos estudantes para além de suas carências e dificuldades, ressaltando a riqueza que

vivências tão diversas trazem para a compreensão multifacetada da vida. Por isso, esses jovens-adultos protagonizam trajetórias de humanização, pois quando voltam à escola, carregam consigo esse acúmulo de formação e de aprendizagens.

As concepções curriculares correm o risco de se tornarem “letra morta” se, simplesmente, reproduzirem a lógica da “pedagogia bancária”, que foca somente na transmissão do conteúdo e desconsidera os caminhos traçados e saberes prévios dos educandos. Por isso, é preciso tomar a educação como “prática de liberdade” (FREIRE, 1987), ou seja, produzir na EJA “práticas pedagógicas transformadoras das trajetórias pessoais e comunitárias, por meio da participação das pessoas jovens e adultas envolvidas, (...) com suas diferentes necessidades e demandas subjetivas e coletivas” (GONÇALVES; FERNANDEZ, 2017, p. 108). Nesta direção, é importante produzir reflexões com os estudantes sobre suas histórias de vida e desafios cotidianamente dentro e fora da escola. Sendo assim, “a concepção freiriana de que leitura de mundo precede a leitura da palavra deve perpassar todas as práticas pedagógicas” na EJA (GONÇALVES; FERNANDEZ, 2017, p. 121).

Arroyo (2007) ressalta a necessidade de colocar as experiências sociais dos educandos como objeto de pesquisa e, portanto, como substrato para práticas educativas. A tentativa aqui é superar o distanciamento entre a produção do conhecimento e a experiência, o real vivido. “Quando os educadores trazem as experiências sociais para os processos de ensino e aprendizagem, se contrapõem a essa separação entre experiência e conhecimento” (SANTOS, 2017, p. 130).

Por isso mesmo, o projeto pedagógico da EJA do município de Florianópolis, ao tomar a “pesquisa como princípio educativo”, volta-se para as experiências e interesses dos educandos, seguindo a proposição freiriana. O foco das pesquisas deve ser o interesse das pessoas que participam do processo educativo, o que produz toda uma diferença pedagógica. “A pesquisa se inicia, portanto, através de um levantamento – dialógico – sobre o que os alunos gostariam de saber, de estudar, sobre que problemáticas gostariam de atacar, que mistérios gostariam de desvendar” (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 38). A pesquisa de cada estudante passa a fornecer um centro ao redor do qual se organiza o conhecimento, sendo seu ponto focal. Sendo assim, os alunos são convidados a expressar seus conhecimentos prévios sobre a problemática escolhida, assim como suas opiniões sobre as possíveis respostas. Ao final da pesquisa, poder-se-á comparar o que se pensava inicialmente com o que se concluiu através da análise dos dados produzidos pelo estudo da problemática (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 41).

Neste momento, é importante refletir sobre as aproximações epistemológicas e metodológicas entre o projeto pedagógico da EJA, em especial a de Florianópolis e os princípios e indicadores dos programas em Promoção de Saúde. Ambos partem da compreensão multidimensional do fenômeno com o qual atuam, ou seja, a complexidade da saúde e da atenção integral a ela dirigida, assim como, a dialética envolvida nos processos de ensino-aprendizagem, que exigem uma educação



emancipadora. Portanto, o olhar deve se dirigir para os determinantes sociais que constituem os processos de saúde, assim como os processos educacionais. O princípio da consolidação da autonomia e empoderamento dos sujeitos participantes também aproxima as duas práticas. Educandos e educadores devem ser sujeitos ativos nas ações em que estejam implicados. Ambos, promoção da saúde e EJA, focam na dimensão da qualidade de vida e suas implicações na qualidade da educação cidadã. Deve-se considerar e ressaltar os saberes prévios e a riqueza que vivências tão diversas que os estudantes de EJA trazem para a compreensão multifacetada da vida.

Sendo assim, há muitas aproximações e diálogos epistêmicos entre ambas, que permitem que se desenhe um projeto de promoção de saúde para esta modalidade educativa.

### 3 | MÉTODO

O delineamento geral do projeto foi o de pesquisa-ação, na medida em que pretendeu gerar conhecimentos a respeito de aplicações práticas, dirigidas à solução de questões específicas - neste caso, os problemas relativos ao uso de drogas e seus impactos no processo ensino-aprendizagem entre estudantes da EJA do município de Florianópolis -, de forma participativa e dialógica. Este tipo de pesquisa-ação busca produzir transformações nas intervenções práticas desenvolvidas. Ela é definida, assim, pelo uso que faz de técnicas de pesquisa consagradas para produzir a descrição dos efeitos das mudanças da prática no ciclo da investigação-ação (TRIPP, 2005).

A parte empírica do estudo está sendo desenvolvida em três etapas inter-relacionadas, utilizando os instrumentos referidos a seguir:

(1) a primeira, com caráter exploratório-descritivo, ocorre por meio da realização de um *levantamento de necessidades* da realidade estudada, com o levantamento do padrão de uso de drogas entre estudantes, a identificação de fatores de risco, vulnerabilidade e proteção, os sentidos do ensinar-aprender na EJA. Esta etapa mesclará instrumentos quantitativos – aplicação de escalas para conhecimento do padrão de uso de drogas dos estudantes, e qualitativos – realização de Grupos Focais;

(2) a segunda etapa se refere ao processo de implementação da intervenção de promoção de saúde propriamente dita, abarcando o seu planejamento, desenho do modelo lógico e aplicação da intervenção, a qual será conduzida segundo os indicadores de construção de projetos de Promoção de Saúde;

(3) a terceira e última etapa consistirá na implementação piloto da intervenção construída e sua avaliação de processo e eficácia, a qual seguirá um formato quasi-experimental e contará com uma triangulação de métodos qualitativos e quantitativos.

Uma vez cumpridas essas três etapas e comprovada sua eficácia, será possível implementar o programa desenvolvido em promoção de saúde para a EJA em larga escala, divulgar e expandir a intervenção para outros espaços educativos de jovens.

Os participantes dessa ação como *protagonistas* (colaboradores na elaboração

e aplicação da pesquisa) foram três a quatro estudantes e um professor representante de cada um dos nove núcleos da rede EJA do município de Florianópolis, convidados a participar pela coordenação do Departamento e coordenações dos Núcleos, totalizando em torno de 30 participantes diretos.

Foram alvo das ações de pesquisa e extensão o conjunto de estudantes e professores da EJA de Florianópolis, totalizando em torno de 300 estudantes e 50 professores, em cada semestre.

Neste artigo o foco será a descrição da etapa 1, a fim de discutir a metodologia participativa desenvolvida para o *levantamento das necessidades* visando a construção da intervenção.

Segundo Bartholomew et al. (2006), em seu livro sobre o planejamento de programas de promoção de saúde, a partir de metodologia que intitulou “Intervention Mapping”, definem-se etapas sucessivas para o desenvolvimento de programas. O primeiro desses passos é o de *avaliação de necessidades*.

Este passo consiste no planejamento da intervenção com base nas necessidades efetivas da realidade na qual se atuará. Para tanto, deve-se avaliar a dimensão dos comportamentos relacionado ao problema de saúde em foco, assim como as condições ambientais (no caso, escolares) e seus determinantes associados, visando as situações de risco da população alvo. Esta avaliação abrange dois componentes: (1) uma análise científica da dimensão epidemiológica, comportamental e social da população em foco, suas características comunitárias e suas vulnerabilidades; (2) um esforço para conhecer o caráter da comunidade, seus membros e seus pontos fortes. O produto desta primeira etapa é uma caracterização do problema de saúde em foco, o seu impacto na qualidade de vida (no nosso caso, na qualidade do processo ensino-aprendizagem na EJA), nos estilos de comportamento e nas determinantes psicossociais e ambientais (BARTHOLOMEW et al., 2006).

As outras etapas propostas pelo *Mapping* para o desenvolvimento de programas são: 2 - Construção do modelo lógico, com a elaboração de matrizes com os objetivos de mudança a serem perseguidos e seus indicadores; 3 – Definição da teoria de base e metodologia de intervenção; 4 – Construção dos componentes do programa e seus materiais; 5 – Planejamento da implementação e sustentabilidade do programa; 6 – Planejamento da avaliação do programa (BARTHOLOMEW et al., 2006).

Vamos, então, descrever as ações realizadas na etapa 1.

#### **4 | O PROCESSO METODOLÓGICO PARTICIPATIVO E EMANCIPATÓRIO NO DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EJA**

O primeiro momento para o desenvolvimento de um projeto de promoção de saúde na EJA foi a construção coletiva do projeto de pesquisa e de intervenção a ser realizado, seguindo os indicadores de promoção, de que a participação dos todos

os autores têm que se dar desde o primeiro momento, na própria elaboração dos objetivos e desenho do projeto. Este foi desenvolvido no segundo semestre de 2016, já descrito por Raupp e Schneider (2017).

Neste momento, a equipe do PSICLIN, baseou-se na própria metodologia pedagógica proposta pela EJA da “pesquisa como princípio educativo”, utilizada para nortear as ações educativas e as avaliações dos estudantes da EJA. Esta metodologia implica alguns procedimentos: 1) *levantamento e construção da problemática* – considerada etapa fundamental no processo de pesquisa na EJA. Deve refletir o interesse do grupo de alunos, com relevância, justificativa e viabilidade para a definição da temática central, a fim de aumentar a probabilidade de êxito de todo o trabalho; 2) *Definição da Justificativa e objetivos da pesquisa* - produção individual e coletiva visando esclarecer o porquê e o para quê da pesquisa. Isto ajuda a confirmar o interesse e o foco do trabalho; 3) *Levantamento dos saberes prévios e hipóteses de resposta* - os educandos devem ser convidados a expressar seus conhecimentos prévios sobre a problemática, assim como suas opiniões sobre as possíveis respostas. Ao final da pesquisa, poder-se-á comparar o que se pensava inicialmente com o que se concluiu através da análise dos dados produzidos pelo estudo da problemática; 4) *Produção dos mapas conceituais* – Descreve os conteúdos e conhecimentos a estudar e realizar. Auxilia na realização do planejamento e na construção do currículo. O mapa deve atender às necessidades da problemática, da justificativa e dos saberes prévios; 5) *Planejamento do projeto e cronograma de pesquisa* - por fim, o desenho final do projeto, com todos seus requisitos teóricos e metodológicos, assim como o planejamento das atividades (FLORIANÓPOLIS, 2008).

Tomando por base estes passos metodológicos, foram realizadas seis reuniões com os estudantes e professores representantes de cada um dos núcleos da EJA de Florianópolis. Essas foram realizadas em parte nas dependências da UFSC e outras no espaço físico da Gerência de Educação Continuada da Secretaria Municipal de Educação. Os alunos, por participarem deste projeto, ganhavam horas para sua formação.

Após a explicação dos princípios de um projeto de promoção de saúde, foi discutida a temática do uso de drogas, em especial da maconha, pelos estudantes da EJA e seus impactos para o processo educativo vivenciado. Os estudantes saíram com a tarefa de fazer o levantamento das problemáticas da presente pesquisa com os colegas de seus núcleos.

As perguntas que advieram dos núcleos de EJA era das mais diversas sobre o uso de drogas e sua relação com a aprendizagem:

“Se usar drogas, morre?”

“Qual é a consequência da maconha ou outras drogas na aprendizagem?”

“Como ocorre a influência da maconha no bairro?”

“Como as pessoas se viciam?”

“O que está por trás do uso de drogas?”

“Os filhos podem ser influenciados pelos pais que fumam maconha?”  
“Como reduzir o consumo de drogas?”  
“A maconha atrapalha a aprendizagem?”  
“Por que a maconha é proibida e o cigarro não?”  
“Uso de maconha ou álcool pode causar transtorno psicológico?”  
“Que tipo de drogas os estudantes da EJA mais usam?”  
“Violência familiar conduz ao uso de drogas?”  
“Como as pessoas se sentem quando usam drogas?”  
“A maconha causa dependência?”  
“Porque a maconha é a primeira droga utilizada pelos jovens?”  
“Porque o tema drogas aparece com frequência como problemática de pesquisa na EJA?”

Na sequência dos encontros foram debatidas as perguntas, levantando possíveis respostas e foram definidas quais seriam as perguntas centrais na formulação da problemática do presente projeto de promoção de saúde na EJA, com base nos objetivos discutidos. Sendo assim, o grupo participante escolheu três daquelas perguntas, que seriam as norteadoras do presente projeto, sendo que as outras poderiam fazer parte do mapa conceitual ao redor do tema. Foram elas: “Que tipo de drogas os estudantes da EJA mais usam?”; “Qual é a consequência do uso maconha ou outras drogas no processo da aprendizagem?”; “Por que o tema da drogadição aparece com frequência como problemática de pesquisa na EJA?”.

Com base nas problemáticas escolhidas, os estudantes voltaram aos seus núcleos e debateram com seus colegas qual seria a possível justificativa para a pesquisa. Foram muitas as justificativas elaboradas pelos estudantes de cada núcleo, sendo que no quinto encontro foi realizada, no coletivo, a síntese, de todo o processo de elaboração da justificativa, cujo resultado está abaixo (RAUPP; SCHNEIDER, 2017, p. 223):

Lidar com drogas na escola é uma questão difícil, pois, existe muito preconceito e muitas pessoas preferem não discutir sobre o assunto. A pesquisa vem proporcionando um espaço de reflexão sobre o assunto. Este projeto de pesquisa se justifica, na medida em que a questão dos problemas relacionados ao uso de drogas é um desafio que os núcleos de EJA/Florianópolis enfrentam atualmente. Os problemas referentes a este tema são diversos. Podemos citar, por exemplo, o uso de drogas no cotidiano escolar, causando desinteresse por parte de alguns alunos que, muitas vezes, preferem ficar fora da sala de aula para fumar ou vender algum tipo de droga dentro do ambiente escolar. Além disso, em algumas situações, presenciamos violência na escola, por motivo de tráfico de drogas. Por outro lado, sabemos que a repressão tanto policial como por parte de alguns professores, pode ocasionar discriminação e exclusão dos alunos envolvidos com o uso de substâncias e com o tráfico de drogas.

Por esse motivo, este projeto, pretende contribuir para enfrentar os problemas referentes à drogadição e seus impactos na escola, de forma pacífica, não discriminatória, a fim de ajudar os alunos que não tiveram chances no passado, o direito de estudar e poder tomar um rumo melhor nas suas vidas. É importante sabermos sobre como lidar com o uso de drogas na EJA para convivermos com harmonia e agirmos com ética e coerência no ambiente escolar. Além disso, entendemos que é relevante atuar na prevenção dos problemas relacionados ao

uso abusivo das drogas. Sendo assim, pretende-se estudar a realidade sobre a problemática do abuso de drogas e seu impacto na aprendizagem, além de esclarecer alguns pontos sobre este tema, na medida em que este assunto aparece com frequência nas pesquisas dos alunos da EJA.

Com base na justificativa e problemáticas foi realizado o planejamento de ações da pesquisa para o próximo ano: levantamento das necessidades da EJA em relação às questões do uso de drogas, em especial maconha, e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, foram descritas as seguintes atividades: levantamento do padrão de uso de drogas por estudantes de EJA, já que se fazia necessário conhecer o verdadeiro tamanho do problema, a fim de planejar as intervenções (dimensão epidemiológica); levantamento da percepção sobre fatores de risco e proteção relacionados ao uso de drogas (dimensão pessoal, social e comunitária); levantamento do sentido de estudar na EJA para os estudantes e de sua visão sobre a metodologia e o relacionamento professor-aluno (dimensão psicossocial e educacional); percepção dos estudantes sobre o uso de drogas na EJA e seus impactos no cotidiano da sala de aula; perspectivas de futuro para estudantes de EJA (dimensão psicossocial).

O semestre de 2016 fechou com uma avaliação das atividades desenvolvidas, na qual todos ressaltaram a importância de ter participado do projeto e de que o mesmo foi, aos poucos, mudando a posição antes sustentada em uma perspectiva mais moralistas sobre o tema das drogas e sobre os usuários, para uma visão mais realista, fornecendo meios mais qualificados para abordar a questão do uso de substâncias em sala de aula, tanto entre colegas como entre os professores (RAUPP; SCHNEIDER, 2017). Importante destacar a força da metodologia participativa, que fez com que os estudantes se enxergassem dentro do projeto, com possibilidade de dialogar mais abertamente sobre este tema polêmico e com melhoria na relação estabelecida com a EJA, conforme alguns relatos, colocando-se como sujeitos do aprendizado e da pesquisa.

No ano de 2017 o projeto foi retomado, já com a participação de novos representantes de alunos e professores dos núcleos de EJA. Foi reapresentado o projeto, em sua construção coletiva do ano anterior e realizou-se novamente um debate sobre a temática central, a fim de levantar os saberes prévios dos novos participantes.

Iniciou-se, então, a preparação das atividades planejadas: levantamento do padrão de uso de drogas, percepção de risco e vulnerabilidades psicossociais entre estudantes. Esta etapa iniciou em 2017 e finalizou no primeiro semestre de 2018.

Foram mostrados vários tipos de questionários utilizados para levantar padrão de uso de drogas e foi escolhido pelo grupo utilizar um questionário padronizado, que já havia sido implementado em pesquisas anteriores pelo PSICLIN-UFSC, em parceria com a UNIFESP, para avaliação da eficácia do programa preventivo #Tamojunto, somado a alguns dados da PENSE/IBGE adaptado para o ambiente da EJA. Os estudantes participantes foram treinados na aplicação do questionário on-line, quando



foi explicado sobre a conduta do pesquisador, como por exemplo: não ficar querendo ver as respostas dos outros, ou de como responder dúvidas de algum respondente sem influenciar na resposta e outros tipos de instrução. Foi feita uma aplicação piloto com os próprios participantes, para verificar tempo médio de respostas, dúvidas sobre o questionário e sugestões de alteração.

Os estudantes ficaram responsáveis por aplicar nos núcleos EJA em seus colegas, nas salas de informática da escola, sendo assessorados na tarefa por um estudante de Iniciação Científica e da pós-graduação do PSICLIN, que acompanhava a aplicação a fim de prestar algum apoio, caso necessário, e para assegurar a fidelidade das informações obtidas. Ao todo responderam ao questionário 381 estudantes matriculados na EJA, tendo sido aplicado em 24 turmas distribuídas em várias escolas de Florianópolis e contou com a participação de 26 estudantes que coordenaram a aplicação dos questionários.

Foi interessante acompanhar a desenvoltura dos estudantes da EJA no papel de pesquisadores e do manejo que tiveram com a aplicação do instrumento, ganhando destaque, novamente, o seu papel de sujeito do processo de pesquisa e de aprendizagem.

O próximo passo foi a realização de grupos focais com estudantes para entender o sentido de estudar na EJA e a percepção sobre a questão do uso de drogas por estudantes e seus impactos sobre o processo educativo e as perspectivas de futuro. Para tanto as questões de pesquisa foram construídas coletivamente pelos estudantes participantes, em cada um dos núcleos da EJA. A partir da discussão da justificativa elaborada em 2016, os estudantes levantaram junto com seus colegas as perguntas que deveriam ser realizadas nos grupos focais e que atingissem os objetivos do projeto. Esse processo foi protagonizado por 18 estudantes dos 9 núcleos e envolveu a participação de em torno de 70 colegas que ajudaram a elaborar o roteiro perguntas.

Inicialmente foram sugeridas 98 perguntas. Foi realizado, então, pelos participantes do PSICLIN, um processo de sistematização, retirada de perguntas similares, categorização e síntese das perguntas, que resultou no roteiro final abaixo, que voltou a ser discutido pelo grupo de estudantes participantes.

<b>ROTEIRO DE PERGUNTAS - ESTUDANTES - GRUPO FOCAL - EJA 2017</b> <b>QUARTA ETAPA - TERCEIRA CATEGORIZAÇÃO: REFINAMENTO</b>
<b><i>Relação com a EJA</i></b>
<i>O que é EJA na sua vida?</i>
O que vocês acham da pesquisa como princípio educativo da EJA? Como ela influencia no seu envolvimento com as atividades?
Como é a relação entre professores e estudantes da EJA?
<b><i>Relação com a droga e território</i></b>
<i>O que faz as pessoas buscarem o uso de drogas?</i>
Você ve diferença entre os usuários de maconha, álcool, crack, etc?

Como você acha que o usuário de drogas deve ser tratado na sociedade? E como você vê essa questão dentro da EJA?
Como você vê a relação entre o tráfico e a escola?
<b><i>Impacto do uso de drogas no ensino/aprendizagem</i></b>
<i>Como vocês veem a relação entre o desempenho escolar e o uso de drogas, como a maconha?</i>
Entre tantos espaços diferentes, para que os alunos escolhem o espaço escolar para usar drogas, como a maconha?
<b><i>Perspectivas de vida</i></b>
<i>Quais as suas perspectivas de futuro e como a EJA se relaciona com elas?</i>
Existem opções de lazer na sua comunidade? Quais?
Como a relação com a sua família e seus amigos influenciam nas suas decisões? (Incluindo o uso, ou não, de drogas)

Quadro 1 – Roteiro de perguntas para os Grupos Focais

Os estudantes da EJA foram treinados para aplicação de grupos focais, quando lhes foi explicada a postura do pesquisador e foram levantadas várias dúvidas de como proceder na condução de um grupo com foco em pesquisa. Por fim, estes estudantes coordenaram nove grupos focais, sendo apoiados na atividade por estudantes do PSICLIN/UFSC, e contaram com a participação de 95 dos seus colegas.

Esses processos aconteceram entre agosto de 2017 e o primeiro semestre de 2018.

A participação dos estudantes como protagonistas de todo processo foi intensa, sendo que o fato de as perguntas advirem de sua própria realidade, fez sentido para eles e estimulou a efetiva participação dos colegas nos grupos focais, que foram muito ricos em debates e sugestões. A maneira como os estudantes conduziram as diferenças de posição entre os colegas gerou um espaço democrático, no qual os sujeitos se sentiram à vontade para expressarem suas opiniões. O debate nos grupos focais também fez com que os estudantes tivessem mais de uma possibilidade diferentes ângulos de percepção sobre os fenômenos que circulam em seus territórios, abrindo novas maneiras de compreender a realidade.

Os dados foram analisados pela equipe do PSICLIN e debatidos com professores e estudantes da EJA no segundo semestre de 2018. Com base nos dados quantitativos e qualitativos e na discussão dos mesmos realizada nestes núcleos, serão definidos os elementos centrais para subsidiar o desenvolvimento de um programa de promoção de saúde e prevenção aos problemas de uso de drogas na Educação de Jovens e Adultos. Em 2019, deverá ocorrer seu desenvolvimento e implementação piloto .

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante refletir que ainda que o programa de promoção de saúde esteja

em desenvolvimento, todo esse processo de construção de suas ações, focadas, neste primeiro momento, no levantamento das necessidades da realidade da Educação de Jovens e Adultos, por ter sido realizado de forma participativa, com base em metodologias emancipatórias, já pode ser considerado um processo de intervenção. Ele incidiu sobre a compreensão dos alunos e professores sobre o fenômeno que nos foi demandado: o uso de substância psicoativas e suas repercussões para o processo de aprendizagem na EJA, na medida em possibilitou um debate aberto em tema antes velado, e pouco refletido em suas múltiplas determinações. Vislumbra-se que o projeto possa trazer mudanças em posturas exclusoras e preconceituosas com usuários de droga e possa, aos poucos, incidir sobre um melhor aproveitamento do aprendizado para aqueles que tem maior dificuldade de inclusão escolar, sendo o abuso da droga um sintoma de aspectos mais profundos dessa vulnerabilidade psicossocial.

O protagonismo dos estudantes na elaboração do projeto, desde a definição de sua problemática, justificativa, objetivos e planejamento das ações, assim como, sua posição ativa como pesquisadores, ao aplicarem instrumentos e discutirem suas limitações e consequências, possibilitou um aprendizado para além da questão do fenômeno do uso da droga, pois trouxe uma condição de refletir sobre sua realidade, planejar sua intervenção, mediar grupos e se colocar como referência para colegas. Possibilitou, assim, uma visibilidade social, para aqueles que se engajaram no processo, já que tomaram a frente em processos pedagógicos e científicos e se colocaram como sujeitos de sua história.

Este engajamento foi viabilizado porque os princípios da promoção da saúde, como vimos acima, dialoga diretamente com os pressupostos do projeto pedagógico da EJA, vindo a somar esforços para mediar o protagonismo desses estudantes, que trazem junto consigo histórias de desqualificação social e carga de preconceitos raciais, classistas e histórias de exclusão escolar até aqui vividas.

É fundamental, portanto, pensar em um projeto que compreenda a questão do uso da droga em seus determinantes sociais, pois na base encontra-se situações de vulnerabilidade e preconceito cotidiano que estes jovens vivenciam e marcam suas trajetórias de vida, que lhes tiram a condição de reconhecer-se com cidadãos e vislumbrarem perspectivas de alcançarem sucesso como estudantes. Uma dessas situações de preconceito ocorreu dentro do próprio território da Universidade Federal de Santa Catarina, quando da saída de uma das reuniões do projeto, realizada em 2017. Os estudantes da EJA saíram em grupo para pegar o ônibus e relataram que cinco policiais armados pararam o seu ônibus, antes mesmo de sair de dentro do campus e revistaram dois dos cinco estudantes-pesquisadores. Tiraram fotos dos dois, apontando a arma na cabeça deles. Nada suspeito encontraram em suas mochilas, obviamente. Destacaram que apenas os dois que eram negros foram revistados. Suspeitaram que o acontecimento pode ter tido relação com alguma queixa advinda dos seguranças da própria UFSC, pois quando se dirigiam ao ponto de ônibus passaram por dois deles, sendo que o episódio ocorreu logo na sequência. Assim, o projeto desenvolvido na

e pela Universidade, que visava promover saúde, inclusive trazendo esses jovens para o seu território, para que o experimentassem como também sendo possível para eles, reverteu-se na confirmação da impossibilidade e no seu não pertencimento, pois confirmou o preconceito geral de que eles, pobres, negros, ao estarem ali, não podia ser para estudar, mas somente sob suspeita de alguma contravenção. Este episódio gerou um longo debate dentro do coletivo do projeto e foi rico para que os próprios pesquisadores do PSICLIN compreendessem, concretamente, o que é esta condição de vulnerabilidade.

Sendo assim, desenvolver um projeto de promoção de saúde que invista nas potencialidades e habilidades cognitivas e sociais dos estudantes da EJA, que compreenda a complexidade envolvida em seus comportamentos e em suas dificuldades e problemas, pode contribuir para que esta modalidade educacional cumpra com seus princípios e objetivos e auxilie na construção de um horizonte de possibilidades de transformação social para aqueles que vivem na condição de vulnerabilidade psicossocial.

## REFERÊNCIAS

- ABBONIZIO, Aline; XIMENES, Salomão Barros. Direito à educação e diversidade do público da EJA: em busca da universalidade. In: GRACIANO, Mariângela; LUGLI, Rosário S. Genta. **Direitos, diversidade, práticas e experiências educativas na educação de jovens e adultos** [recurso eletrônico]. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2017.
- ARROYO, Miguel González. Educação de jovens – adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L. (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Autêntica, 2005.
- BARTHOLOMEW, Kay et al. Planning health promotion programs: an intervention mapping approach. 1st ed. San Francisco: Jossey-Bass Ed., 2006.
- BUSS, P. M.; CARVALHO, A. I. de. Desenvolvimento da promoção da saúde no Brasil nos últimos vinte anos (1988-2008). **Ciência e saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2305-2316, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação. Brasília, 2005.
- CZERESNIA, Dina; Freitas, C.M. Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendência. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: 2009.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, 10(1), 171-188, 2002.
- ELICKER, E. et al . Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 399-410, 2015.
- FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Educação de Jovens e Adultos. **Estrutura, Funcionamento, Fundamentação e Prática na Educação de Jovens e Adultos**. Florianópolis: SME/DEJA, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Ednéia; FERNANDEZ, Jarina Rodrigues. Apontamentos para a construção de metodologias e estratégias de ensino emancipatórias na EJA. In: GRACIANO, Mariângela; LUGLI, Rosário S. Genta. **Direitos, diversidade, práticas e experiências educativas na educação de jovens e adultos** [recurso eletrônico]. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2017.

GRACIANO, Mariângela; LUGLI, Rosário S. Genta. **Direitos, diversidade, práticas e experiências educativas na educação de jovens e adultos** [recurso eletrônico]. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2017.

GREACEN, T., JOUET, E., RYAN, P., CSERHATI, Z., GREBENC, V., GRIFFITHS, C., HANSEN, B., LEAHY, E., DA SILVA K.M., SABIĆ, A., DE MARCO, A., FLORES, P. Developing European guidelines for training care professionals in mental health promotion. **BMC Public Health**. 2012;12:1114. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-12-1114>.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **Promoção de saúde: a negação da negação**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2007.

RAUPP, L., SCHNEIDER, D. Educação de jovens e adultos e problemas relacionados ao uso de drogas: análise de necessidades psicossociais junto aos núcleos de Florianópolis/SC. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v.9, n.23, p.204-229, 2017.

RODRIGUES, Gabrielli Tochetto; AGOSTINHO, Sandra Cristina; GESSER, Marivete, & OLTRAMARI, Leandro Castro. Psicologia e educação de jovens e adultos: um desafio em construção. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18(1), 181-184, 2014. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572014000100020>

SANTOS, Maria Alice. Território e escola integrados pelo currículo da EJA. In: GRACIANO, Mariângela; LUGLI, Rosário S. Genta. **Direitos, diversidade, práticas e experiências educativas na educação de jovens e adultos** [recurso eletrônico]. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da Razão Dialética**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002. 900p.

SÍCOLI, J. L., NASCIMENTO, P. R. Health promotion: concepts, principles and practice. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.7, n.12, p.91-112, 2003.

SILVA-ARIOLI, Inea Giovana, SCHNEIDER, Daniela Ribeiro, BARBOSA, Tatiane Muniz, & DA ROS, Marco. Promoção e Educação em saúde: uma análise epistemológica. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 672-687, 2013.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educ. Pesqui**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, Dec. 2005.

XIMENES, Verônica Moraes et al. Pobreza multidimensional e seus aspectos subjetivos em contextos rurais e urbanos nordestinos. **Estud. psicol. (Natal)**, v. 21, n. 2, p. 146-156, June 2016.



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-141-1

